

A MÍDIA ALTERNATIVA NA CONSTITUIÇÃO DE ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA

KRISCHNA SILVEIRA DUARTE¹; DENISE MARCOS BUSSOLETTI².

¹Universidade Federal de Pelotas – krischna.duarte@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – denisebussolletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Alguns autores (Bourdieu, Bucci, Guattari, Levy, Thompson, entre outros) consideram que os meios de comunicação de massa são importante fonte de poder em nossa sociedade, pois são capazes de difundir uma interpretação fabricada da realidade, de onde se reafirma uma ação alienada sobre o mundo. Para Bourdieu, esta faculdade é o *poder simbólico*, uma espécie de poder “quase mágico”, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 2000, p. 14).

A arbitrariedade deste fenômeno, que nos faz ver e crer, como aponta Bourdieu, é capaz de produzir uma falsa compreensão do real, que objetiva o acobertamento das contradições do sistema capitalista, que alienando os sujeitos, garante sua exploração. Ao passo em que nosso sistema econômico reserva a maior parte da riqueza para um pequeno grupo de pessoas, condenando grande maioria da população a condições de vida miseráveis, a mídia fala para uma nação homogênea e vende ideais de vida inalcançáveis à maioria. Daí deriva a capacidade de alienação e violência simbólica que a TV possui: inventa uma imagem daquilo que seria a sociedade brasileira, uniformizando, criando a falsa ideia de um País unido, para brutalmente, esconder a desigualdade social estabelecida. Assim, é possível afirmar que na contemporaneidade, as relações humanas constituem-se baseadas em reflexos dos modos de ser outorgados pela televisão. Neste ponto é importante dizer que o telespectador não é agente passivo, sem defesas contra a manipulação midiática – o que seria subestimar sua inteligência -, nem a TV cria seres robotizados, reprodutores fiéis de seu discurso – o que seria superestimar seu poder. O que ocorre é que a TV funciona como um espelho social, refletindo estereótipos imagéticos, padrões de comportamento, ideais de vida, enfim, ela atua ampliando a realidade e autorizando que ocorra aquilo que já acontece.

Nesta perspectiva, Bauman (2008) afirma que na sociedade de consumidores as relações se estabelecem a partir de um padrão muito semelhante às relações entre consumidores e objetos de consumo. De maneira espirituosa, mas sem desmerecer a gravidade da colocação, o autor traz à reflexão o cogito de Descartes em versão atualizada: “*Compro* logo sou... um sujeito”. Para ser sujeito é necessário tornar-se antes, uma mercadoria vendável.

¹ Jornalista. Educadora ambiental. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

² Doutora em Psicologia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas.

A noção de mercadoria vendável, por sua vez, é transmitida pela mídia, que diariamente nos sugere maneiras de ser, de agir, de aparentar. Por sua abrangência e popularização, a televisão tem papel fundamental nesta inversão de valores. É presença influente nas relações familiares e parte significativa da vida política e cultural do País. Está em 98% dos lares³; até mesmo naqueles em que não há geladeira!

Neste aspecto, podemos dizer que esta pesquisa busca maior proximidade com a realidade das pessoas, pois são comuns as investigações acerca da relação entre educação e cinema, meio de comunicação hegemônico, ainda pouco acessado⁴ pela maioria da população brasileira. A proposta que aqui se apresenta está em consonância com esta realidade, pois problematiza os artifícios da manipulação televisiva, ao mesmo tempo em que estimula usos alternativos da mídia, criando espaços de resistência. A ideia é estimular os sujeitos a utilizarem o suporte audiovisual como ferramenta de sua própria educação emancipatória. Com a apropriação da mídia pelos sujeitos⁵, criam-se rupturas que podem desatar os nós do instituído, inaugurando caminhos que levem à criação do novo, à superação das condições de opressão real e simbólica. Nestes espaços educativos de livre expressão são (re)constituídos os sonhos, os desejos, as angústias, enfim, as visões de mundo próprias do grupos.

Para Mészáros (2008) a educação libertadora deveria tornar o trabalhador um agente político capaz de usar a palavra como arma para transformar o mundo. Neste sentido, o audiovisual torna-se aqui a palavra, a linguagem, a crítica à cultura em movimento. Linguagem que é prisão e liberdade. Linguagem que tem o poder de (re)criar o mundo.

Estes dados apontam para a importância da discussão sobre o papel da mídia na contemporaneidade e para a necessidade de constituirmos uma leitura crítica, que permita a apropriação desta ferramenta para uso em um contexto educativo, o que é ainda pouco estimulado. De acordo com Morán, a escola desvaloriza a imagem,

ignora a televisão, o vídeo; exige somente o desenvolvimento da escrita e do raciocínio lógico. É fundamental que a criança aprenda a equilibrar o concreto e o abstrato, a passar da espacialidade e contiguidade visual para o raciocínio seqüencial da lógica falada e escrita. Não se trata de opor os meios de comunicação às técnicas convencionais de educação, mas de integrá-los, de aproximá-los para que a educação seja um processo completo, rico, estimulante (MORÁN, 2007, on line).

2. METODOLOGIA

³Dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). Disponível em www.ibope.com.br Acesso em 12 de outubro de 2012.

⁴ Devido ao elevado valor dos ingressos e à escassez de salas de cinema em cidades do interior, grande parte da população brasileira conhece o cinema apenas através da retransmissão na TV, de comédias-românticas, estilo “sessão da tarde”, onde prevalece um mesmo padrão de roteiro que se repete sejam quais foram os personagens. Poderíamos aqui também aprofundar a reflexão sobre a linguagem cinematográfica e sua relação com o espectador, trazendo à discussão particularidades como as dimensões da tela, o ambiente escuro e intimista criado pela escuridão das salas de cinema, a imersão que o espectador experiencia a partir da acústica do local, enfim, este é assunto para outro momento. Por hora, afirmo apenas que o espectador que assiste a filmes apenas na televisão de sua casa, não conhece o cinema.

⁵ Nas etapas de pesquisa estão planejadas oficinas de produção audiovisual que permitem aos participantes criar seus próprios elementos audiovisuais. Fazem parte destas oficinas os conteúdos relativos à elaboração do roteiro, à captação de imagens, a entrevista, a edição dos vídeos, etc.

Esta pesquisa tem como proposta constituir espaços dialógicos onde seja possível a articulação de reflexões e ações que nos indiquem caminhos à superação da alienação material e simbólica. Neste sentido, a relação que se estabelece com os sujeitos da pesquisa é de troca de experiências, de vivências e saberes que possam nos impulsionar a transformar a realidade em que estamos inseridos. Em consonância com os objetivos da pesquisa, com os pressupostos da educação e com a compreensão do ato de pesquisa como um ato político, o método da Pesquisa-Ação-Participante parece ser o mais apropriado, pois evita o distanciamento entre teoria e prática.

[...] Conhecer a sua própria realidade, participando da produção do conhecimento sobre ela, da produção de sua própria história, como forma de transformá-la é o princípio desta modalidade de pesquisa. Temos ainda aqui em destaque a superação dos “pesquisados” como “objeto” de estudo, a transformação de “pesquisadores-e-pesquisados” em sujeitos, aliados e parceiros, no processo de produção de conhecimentos sobre a realidade social que tem por objetivo a “reconquista popular (TOZONI-REIS, 2007, p. 138).

Esta produção de conhecimentos se dará através dos vídeos, produzidos pelos participantes da pesquisa, onde eles poderão comunicar aquilo que lhes é importante, a partir do seu próprio ponto de vista. Desta forma, criam-se territórios de livre-expressão, de resgate das tradições e fundamentalmente, de resistência. A proposta metodológica se verificará através da técnica de grupo focal, pois permite envolver o grupo em uma “discussão que tem por objetivo revelar experiência, sentimentos, percepções em torno de um determinado assunto” (Mello, 2004, p.58), neste caso, a influência midiática no imaginário social e o uso do audiovisual em um contexto educativo-emancipatório. Por meio da seleção de falas significativas e de sua categorização, será realizada a análise interpretativa dos dados com a finalidade de compreender o fenômeno investigado. A análise de caráter interpretativo supõe, de acordo com Geertz (1989), a constituição de *teias de significados* que visam à interpretação dialógica das relações sociais, objetivando uma leitura crítica a partir do desvelamento dos contrastes entre o local e o global, entre representações sociais e realidade concreta. Como dados de análise complementares, serão utilizados os vídeos produzidos pelos participantes, pois o ato de olhar – neste caso, através da lente da câmera - produz conhecimento e, as escolhas feitas no momento da produção dos vídeos - tema, imagens, trilha musical, texto, edição, etc.-, revelam a compreensão destes produtores audiovisuais sobre a temática investigada. Compreendemos, portanto, que “se há maneiras de conhecer o mundo social que são independentes da linguagem [escrita], alguns hão de afirmar que criar um filme é uma maneira adequada de explorar e representar aquele conhecimento” (BANKS,2009, p.100)[grifo meu].

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este projeto de pesquisa foi idealizado em 2010, como parte da minha pesquisa de mestrado⁶. Desde então, foram realizados inúmeros vídeos com crianças de diferentes realidades socioeconômicas e culturais. Através dos vídeos os participantes expõem sua realidade, atuando como agentes de transformação de

⁶ Pesquisa intitulada O audiovisual na Educação Ambiental Não-Formal – Jornaleco: um programa de TV ambiental produzido por crianças do Ensino Fundamental, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG, em 2012.

seu ambiente. Um destes vídeos, feito em 2012 por crianças da Escola Estadual de Ensino Médio Ginásio do Areal, mostra a problematização acerca do lixo no ambiente escolar. O tema foi sugerido pelas próprias crianças, que ao lançarem este novo olhar (crítico) para a escola, perceberam a quantidade de lixo que havia jogado pelo pátio, a falta de lixeiras de coleta seletiva e que, as poucas lixeiras que havia, não estavam devidamente identificadas. Questionaram também de onde surgiram as dezenas de bitucas de cigarro jogadas pelo chão, enquanto discutiam entre si sobre quem estaria fumando dentro da escola – o que para eles é errado. Resolveram então, fazer uma “faxina na escola”, catando o lixo que estava no chão, separando-o e organizando as lixeiras para que fosse implementada a coleta seletiva na escola. Essas intervenções, geradas a partir do simples exercício de trocar as lentes (pelas lentes da câmera, neste caso), emergem do reconhecimento que estas crianças fazem delas mesmas enquanto agentes críticos, capazes de transformar sua realidade. Atualmente, em nível de doutorado⁷, o projeto de pesquisa se encontra em fase de elaboração e aprofundamento de conceitos, adquirindo novos contornos.

4. CONCLUSÕES

No primeiro ano de estudos em nível de doutorado, o caminho de pesquisa ainda é longo e, portanto, repleto de possibilidades. Contudo, já é possível afirmar que a proposta se destaca por sua inovação em relação ao campo epistemológico ainda pouco explorado, ou ainda, investigado a partir de uma perspectiva pouco aprofundada. Grande parte das pesquisas sobre mídia e educação é feita a partir de uma abordagem simplificada deste campo. Corriqueiramente é centrada em uma compreensão tecnicista da comunicação ou na relação do espectador com os conteúdos midiáticos, sem transcender esta abordagem superficial. Os estudos sobre recepção são um exemplo disto. O que não quer dizer que não sejam importantes, pelo contrário, são fundamentais para a compreensão do fenômeno. Entretanto, não conduzem a novas propostas para a questão. A pesquisa que aqui se coloca, ao contrário, pretender ser comprometida com a ação política, pois busca subverter a lógica de violência e exploração simbólica estabelecida, propondo uma possibilidade concreta de resistência e ação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANKS, M. **Dados Visuais Para Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAUMAN, Z. **Vida para o consumo - a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro, editora zahar, 2008.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- MELLO, M. **Pesquisa Participante e Educação Popular – Da Intenção ao Gesto**. Porto Alegre: Ísis Editora, 2004.
- MÉSZAROS, I. **A Educação Para Além do Capital**. 2.ed.ampliada.São Paulo, SP: Boitempo, 2008.
- MORÁN, J. M. **As mídias na Educação**. Texto do livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm. Acesso em 14 de outubro de 2012.
- TOZONI-REIS, M. F. **Pesquisa-Ação-Participativa em Educação Ambiental**. São Paulo, SP: Annablume, 2007.

⁷ Iniciado em 2013.